

CAPÍTULO XXXII

O CULTO

“Os que o adoram, o adorem em espírito e em verdade”. – João 4:24.

“A nós nos deste alimento espiritual e bebida espiritual e vida eterna, por meio de teu Filho.” – O Ensino dos Doze Apóstolos.

Súplica, louvor, confissão d pecados e meditação – protestantes e católicos romanos concordam em os reconhecer como partes essenciais do culto cristão. Ao lado dessas práticas ou acima delas, o sistema romano coloca o sacrifício da missa e outras devoções sacramentais. As igrejas protestantes incluem a pregação e a leitura das Escrituras.

§ 1. O objeto de culto.- Os protestantes só conhecem um Ser a quem é devido culto: Deus, segundo se revela no Pai, Filho e espírito Santo. Eles não somente se recusam a encontrar nas Escrituras precedentes para o culto de outros seres, mas ali encontram manifestações positivas contra tais cultos. Os Salmistas e Profetas invocavam diretamente a Deus e lhe confessavam suas transgressões, veementemente condenando o culto tributado a falsos deuses ou a criaturas humanas. Quando João se dispõe a encurvar-se diante do anjo, foi impedido de o fazer e instruído de que o anjo era “um conservo dos profetas, teus irmãos” – Apo. 21:9. O católico romano estabelece três graus de culto, a saber: o culto de Deus, chamado de *latría*; o de Maria, chamado *hiperdulia* e o de “outros que reinam com Cristo nos céus”, chamado *dulia*. Ao culto propriamente dito os católicos adicionam a veneração de imagens e relíquias – *Can.* 1255-58.

§ 2. Formulários de culto.- Na igreja romana e em algumas comunidades protestantes, a forma de culto é exatamente prescrita e estabelecida em liturgias. Outras comunidades protestantes se contentam com o apresentar princípios e oferecer exemplos, não exigindo rigorosa conformidade com eles. As primitivas liturgias remontam ao IV século. Na igreja romana só o papa tem poder para decidir do ritual e dos manuais de culto que devem ser usados. Os dois livros - o Breviário e o Missal – são de uso universal, salvo o caso de licença especial, concedida para o uso de várias outras liturgias, que datam de mais de duzentos anos, tais como as liturgias Siríaca e

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Milanesa. O Livro de Ritos e outros manuais contêm o ritual para a administração dos sacramentos, a consagração de bispos e sacerdotes e outras funções.

O Missal e o Breviário se compõem de elementos gradualmente reunidos durante muitos séculos, desde Leão I, 450, até Pio X, 1910. Por ordem do Concílio de Trento, Pio V publicou uma edição autorizada do Missal, feita no ano de 1570, edição que foi posteriormente revista e acrescentada por Clemente VIII, em 1602, e Urbano VIII, em 1631.¹ A presente edição oficial foi impressa em 1884 e contém o serviço da missa e os serviços das festas anuais da igreja, a começar com o Advento e incluindo os dias dedicados aos Apóstolos, mártires, doutores da igreja e outros santos, e também missas de réquiem. O Breviário, ligeiramente revisto sob Pio X, consta dos serviços de todos os dias do ano e é de uso obrigatório dos sacerdotes e religiosos. Oferece leitura de trechos da Escritura, inclusive todos os Salmos, excertos dos Padres e outros escritores da igreja, homilias, orações e incidentes ou lendas tiradas da vida de santos e mártires – muitos dentre eles bons, outros duvidosos ou imaginários. O Breviário pode ser lido em toda a parte, seja pela estrada ou nas ruas, no quarto de dormir ou ao ar livre, mas deve ser lido todos os dias. “No conceito do fiel” – diz Dom Cabrol – “o Missal e o Breviário se alinham logo em seguida às Escrituras Sagradas”.

Entre os protestantes, as igrejas Moravianas, Luterana, Anglicana e outras têm liturgias. Lutero não tinha intenção de por de lado as Fórmulas do Missal, exceto no que se referia às partes por ele contrárias à Escritura. Conservou a palavra “missa”. O Livro Anglicano de Oração Comum foi constituído principalmente com extratos de livros medievais de culto, ou “Usos”, como eram chamados; com a Consulta do Arcebispo Hermann, preparada por Melanchthon e Bucer; e com fórmulas luteranas. No Livro de Oração, adotado pela Igreja Protestante Episcopal, o Credo Atanasiano foi omitido.

As Igrejas Reformadas, derivadas de Calvino e Zwinglio, substituíram, em grande parte, uma liturgia minuciosa por “diretrizes de Culto”, constituídas de orações extemporâneas ou lidas, cânticos pela congregação, leitura das Escrituras, sermão e bênção. Os serviços usados em Genebra consistiam numa invocação, uma oração, cântico de um Salmo, o sermão e a fórmula de absolvição. O Livro Escocês de Ordem Comum, de 1564, também conhecido como Liturgia de Knox, contém muitas orações que provavelmente não se entendiam em sentido compulsório. O princípio de Calvino,

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

de que as cerimônias quanto menos melhor, foi seguido pelos Presbiterianos Escoceses e pelos Puritanos da Grã Bretanha de 1559, que prescrevia o uso de todo o Livro de Oração Comum, sem omissões ou adições.

O cardeal Gibbons e outros escritores muito encareceram os livros devocionais produzidos no seio da comunhão romana, tais como a *Imitação de Cristo*; a *Perfeição Cristã*, de Rodriguez; o *Conflito Espiritual*, de Scupoli; e as obras de S. Francisco de Sales. O cardeal aludiu ao “exército incontável de outros escritores ascetas” e expressou a opinião de que vã seria a procura, “fora da igreja católica, de escritores comparáveis àqueles, em unção e piedade sadia”. Se houvesse desejo de discutir a questão, nesse terreno em que a opinião depende muito da educação e do hábito, poder-se-ia chamar a atenção para a biblioteca de escritores devocionais que a literatura protestante inglesa é capaz de oferecer, desde as *Orações* do bispo Andrews; a *Vida Santa* e a *Morte Santa* de Jeremias Taylor; o *Peregrino*; *O Despertar e o Progresso da Religião na Alma*, de Doddridge; e *A Vocação Séria*, de Law, até o *Ano Cristão*, de Keble; a *Hora Tranquila*, de Phelps, e as coleções de poesia religiosa, tais como *Cristo em Cântico*. O vasto número de hinos ingleses e alemães não pode ficar esquecido, nem o grande número de biografias de missionários protestantes, como as vidas de Livingstone, General Booth e Mary Slessor. Nesses últimos volumes o elemento asceta – a substância das vidas dos santos – pode estar ausente, mas não o elemento prático e sério.

§ 3. A língua do culto público.- Nas igrejas protestantes, a língua usada no santuário é o falar entendido pelos assistentes. Neste ponto seguem os Profetas, que pronunciavam suas mensagens em vernáculo corrente, e a Paulo, que disse ser melhor falar cinco palavras que se possam entender do que dez mil palavras em língua desconhecida – I Cor. 14:19. A igreja romana continua a usar o latim em todos os seus serviços, como se fazia na Idade Média, quando as línguas modernas da Europa se encontravam em período de formação. Somente o sermão é pregado na linguagem do povo. As razões dadas para a continuação do uso do latim são as de que isso promove a unidade dos cristãos romanos, que em todas as partes do mundo participam da mesma liturgia, lida na mesma língua, e a solene impressão que ela causa aos ouvintes, como se debaixo de suas cláusulas estereotipadas e misteriosas, forças religiosas estivessem ocultas. Ainda outra razão é a de que, pela leitura do Missal e do Breviário em latim, os sacerdotes mantêm sua familiaridade com a língua em que comumente se redigem as

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

encíclicas papais e em que se conduzem os debates nos Concílios Ecumênicos. Alexandre VII, 1661, condenou a tradução de todo o Missal, qualificando-a como “tentativa de expor ao vulgo a dignidade dos santos mistérios”. Recentemente se têm publicado Missais trazendo a versão inglesa ao lado do texto original latino. O uso da língua chinesa no culto foi proibido aos jesuítas.

§ 4. A parte central do culto.- O ato central do culto é, na igreja romana, a missa; nas igrejas protestantes é o sermão. O culto romano é o resultado de um longo processo, concluído na Idade Média, cheio de simbolismo e transações externas, em que o sacerdote é quase o único ator, enquanto que o povo é passivo, salvo quando dá respostas. A forma protestante parece corresponder estritamente aos serviços do primeiro século, segundo as indicações que se podem colher no Novo Testamento. Dois testemunhos de fontes cristãs nos vieram do segundo século: O Ensino dos Doze Apóstolos, que contém orações destinadas ao serviço eucarístico, e Justino Mártir, cuja notícia do culto dominical inclui orações, leitura das Escrituras, homília, eucaristia, beijo fraternal e a condução dos elementos eucarísticos aos enfermos. Em adição a isso, temos a importante descrição do culto dos cristãos, celebrado antes do amanhecer e incluindo cântico antifônico a Cristo como Deus, procedente de Plínio, o governador romano de uma parte da Ásia Menor. Não há razão para que se suponha deva haver um esquema uniforme de liturgia, exigida de todas as congregações. Na atitude tomada durante a oração não há uniformidade. Refere Tertuliano que aos domingos e durante a época Pentecostal, os fieis ficavam de pé durante a oração. Já no tempo remoto de Agostinho diferentes atitudes eram mantidas durante a oração pública.

No serviço romano, o altar é central e a tragédia da cruz se efetua repetidamente em milhares de lugares cada dia. Velas acesas, leituras feitas numa língua desconhecida, genuflexões sacerdotais, agitação de incensórios, procissões de sacerdotes e acólitos, frequente mudança dos paramentos sacerdotais, tudo isso prende a atenção dos fiéis, aviva-lhes a imaginação e infunde-lhes a sensação da presença invisível e de um poder misterioso inerente ao ministério do sacerdote, através de quem Deus fala e oferece graça celestial. Inumeráveis missas de réquiem se dizem, em que o sacerdote atua como “criador do Criador”, para obrigar a Deus a descer do céu. O fiel pode não compreender uma só palavra que o sacerdote pronuncia; pode estar em lugar distante no santuário e nada ouvir do que se diz; mas na transação sacerdotal, na hóstia que se eleva e no cálix, ele se transporta à reconciliação da humanidade feita pelo Filho

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

de Deus, na suprema tragédia da cruz. Ao mais ignorante, que não possa ler, e ao imbecil, a missa sugere o poder sobrenatural, invisível, que cerca os homens e se acha acima deles. A cerimônia é calculada para causar impressão esmagadora sobre o selvagem, acostumado a artes mágicas, e igualmente sobre o devoto, que aceita as doutrinas do sacerdócio e da transubstanciação do pão e do vinho. Apela-se para os sentimentos e para a imaginação – e a sensação do mistério desperta ou se excita.

No culto das igrejas protestantes apela-se para a inteligência do assistente e não para a vista e para a imaginação. A instrução toma o lugar do espetáculo religioso. O sacerdote se muda em pregador. No púlpito repousa a Sagrada Escritura, pela qual o caminho que leva a Deus se faz conhecido, ou mais perfeitamente conhecido. A homilia da igreja antiga, endereçada ao povo, que havia sido substituída, durante a Idade Média, pela transação visível do altar, foi revivificada pelos Reformadores. Lutero, Calvino, Zwinglio, Latimer e João Knox foram grandes pregadores e o povo acorria para os ouvir. A palavra do púlpito se tornou num chamado à ação, num apelo ao arrependimento, num anúncio de consolação. Ao pregador a sala escolar e o ar livre oferecem tribuna tão digna como a catedral mais formosa. Nas grandes igrejas de Roma, o altar é eminente e não o púlpito, se acaso houver púlpito. Se S. Paulo voltasse de novo à terra e entrasse no esplêndido edifício, lá fora dos muros, batizado com seu nome, veria medalhões de papas, magníficas colunas de alabastro e malaquita, mas seria em vão que esperaria por um sermão. Nas igrejas católicas da Europa, a pregação se limita quase exclusivamente aos tempos de Quaresma e do Advento. Nos países protestantes, como os Estados Unidos e a Inglaterra, o sermão nas igrejas católicas romanas tem-se tornado frequente e às vezes se realizam “missões”, em que séries de discursos são proferidos, apresentando os fatos do Evangelho e os dogmas especiais do romanismo.

Outra feição que continua a distinguir o culto dos protestantes do culto celebrado nas igrejas romanas, exceto em certas partes da Alemanha, é o cântico por parte da congregação. Essa prática foi desde o início estimulada pelos Reformadores protestantes. Paulo e Silas cantaram na prisão, em Filipos. Lutero publicou seu primeiro hinário em 1524, contendo oito hinos, sendo de sua autoria quatro dentre eles, e a esse trabalho fez seguir outras coleções. “Coloco a música – disse ele – logo abaixo da teologia. Compreendo a razão pela qual Davi e todos os santos puseram em cânticos seus mais divinos pensamentos”. Zwinglio escreveu hinos e Calvino publicou, em 1539, um livro de Salmos e Hinos. As versões francesas, postas em música por Clemente

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Marot, são usadas até hoje pelas congregações protestantes francesas. O bispo Jewel fala de milhares cantando Salmos em frente à catedral de S. Paulo em Londres. O reavivamento metodista do século XVIII foi auxiliado por novos hinos, compostos pelos Wesleys e escritores contemporâneos de hinos. Os Peregrinos trouxeram com a versão de Ainsworth dos Salmos, uma dúzia de músicas, e o primeiro livro impresso no território que são hoje os Estados Unidos, foi o Livro de Salmos de Bay, impresso em Cambridge. Na igreja romana, o sacerdote solfeja o serviço litúrgico e o cântico é, na melhor hipótese, circunscrito a vozes escolhidas. Os hinos em latim somente são usados na celebração da missa. Por ordem de Pio X, 1903, os coros se restringem a vozes masculinas e a música usada é a Gregoriana.

Há no Breviário, afirma-se, 173 hinos, mas nenhum deles é cantado pelo povo. Todos são derivados de autores medievais ou antigos, sendo que alguns são inexcusáveis em espírito devocional e terna beleza, mas dentre eles há muitos que se dirigem a Maria. Um escritor católico romano observa que “poucos de nossos hinos ingleses possuem qualquer mérito”. O *Lead Kindly Light*, de Newman, e os hinos de Faber são exceções, e esses escritores tiveram de início ambiente e educação protestantes. Continua o escritor dizendo que “o bem conduzido cântico pelo povo é, certamente, edificante, mas o problema do canto litúrgico está repleto de dificuldades, especialmente no que se refere a nosso povo americano, que não pode ser considerado, em conjunto, povo dado à música”. Por outro lado, a hinologia protestante – inglesa, escocesa, americana e alemã, para não falar dos hinos de outros países, é muito extensa e rica. Onde quer que se estabeleçam missões protestantes, ali vão ter os hinos e a música sacra. Os hinos são tão devocionais como as vidas de santos entre os romanos, e mais sadiamente devocionais do que estas, contendo as expansões da alma que se tem erguido, desde o tempo em que o *te deum* era usado até nossos dias.

§ 5. Lugares, tempos e pessoas sagrados.- Outra diferença notável entre o culto de protestantes e de católicos romanos, é o modo de encarar lugares e tempos, assim como as pessoas. O Novo Testamento não faz referência alguma a qualquer dia santo, além do domingo e da Páscoa. Dias dedicados à Virgem Maria, aos mártires e aos santos, assim como as festas destinadas à comemoração dos eventos principais da vida de nosso Senhor, são prescrições eclesiásticas, mas de uso obrigatório, segundo a lei romana, sendo cerimônias que, reunidas, constituem o que se chama calendário da igreja. Os sete períodos reservados à oração de cada dia são chamados horas canônicas.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

As festas de igreja foram repudiadas pro Calvino, que as considerou próprias para fomentarem a superstição, enquanto que as igrejas Luterana e Anglicana conservaram um pequeno número delas. Os Puritanos e Presbiterianos seguiram a prática de Genebra e, em lugar de dias santos, proclamaram dias especiais de ações de graças e humilhação, segundo a exigência das circunstâncias. No dia que se seguiu ao em que os Peregrinos escolheram Plymouth para residência, sendo Natal, o governador Bradford observou cuidadosamente que “ninguém descansou naquele dia”. Sobre o segundo Natal, quando o governador verificou que alguns estavam como em dia santo e jogando bola, ele interveio, dizendo que, se eles não queriam trabalhar, também não deviam brincar. A Assembleia de Westminster declarou que “os dias de festa, vulgarmente chamados dias santos, não possuindo fundamento na Palavra de Deus, não devem continuar”.

Sobre a arquitetura de igrejas e o adorno delas, os Reformadores protestantes também se distanciaram muito da prática da Idade Média. Tornaram-se herdeiros de grandes igrejas do Continente e das catedrais da Inglaterra e Escócia, mas retiraram delas, parcial ou totalmente, altares, crucifixos, relíquias, velas, incensórios, imagens e confessionários. A ala genebrina, incluindo os partidários de Zwinglio, os Huguenotes, Puritanos e Presbiterianos, se aproximou mais daquela direção do que os Luteranos e os Anglicanos. Suas casas de culto foram construídas de modo tão simples quanto possível, com paredes nuas, limpas de todos os objetos simbólicos, na esperança de que a atenção do crente se fixasse inteiramente em Deus e nas verdades espirituais e não fosse desviada por obras de arte e vaidade humana.

Nas igrejas católicas romanas, especialmente na Europa, as estátuas de Maria e de santos ocupam frequentemente lugar tão destacado, que somente olhos argutos descobrem a cruz. As relíquias são ainda encaradas como coisas que adicionam santidade aos edifícios consagrados com ritos eclesiásticos. O fiel que beija um dos dedos da formosa estátua de bronze que representa a S. Pedro em Roma, faz jus a cinquenta dias de indulgência, assegurados por Pio X; e alguns, como observou o autor, beijam todos os cinco dedos do pé descoberto do Apóstolo. As bênçãos prometidas aos que sobem a escada Santana cidade papal, são extensivas a outras escadas existentes em localidades com as quais Pôncio Pilatos jamais sonhou, como Beaupré, onde uma indulgência de trezentos dias se dá à razão de cada degrau que se suba, somando o total, como informa o livro-guia, indulgências que ascendem à soma considerável de vinte e

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

três anos. Uma escada semelhante, a de S. José de Montreal, atrai muitos devotos. O vulto dos méritos atribuídos pelos papas e pela tradição a Maria e a seus devotos, é fantástico, em vista do silêncio do Novo Testamento. Seu culto constitui, com o sacrifício da missa, a mais conspícua feição da liturgia em países católicos romanos. Causam espanto as grandes oportunidades que os papas têm tido para dar informações acerca de Maria e dos santos, e o supra-terreno poder que eles têm à sua disposição. O rosário, como qual Maria muito se honra, é o principal meio de devoção católica romana e foi exaltado em encíclica sobre encíclica por Leão XIII. Em 1901, já no fim da vida, Leão aludiu à igreja de Lourdes, dedicada ao rosário, tratado como “os mistérios do rosário”, e a S. Domingos, que alcançou vitória sobre os heréticos Albigenses, mediante suas orações a Maria – *Mariales preces*.² o pontífice tratava a Maria como “a alta rainha dos céus...amais poderosa das mães – *potentíssima* – a mediadora de nossa salvação, através de cujo amor no passado – *olim* – deu seu auxílio para que o fiel pudesse nascer na igreja” – *Obras VIII:54*.

O rosário consiste de quinze contas maiores, representando quinze recitações do Pai-Nosso, e quinze décadas de contas menores, cada qual representando uma Ave-Maria. (*) A oração de Maria diz: “Ave, ¹Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém”. Igualmente tocante e antiescriturística, é a oração denominada *Salve, Rainha*, do Breviário, repetida por vezes incontáveis. Diz a oração: “Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos os degradados filhos de Eva; a vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eis, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Rogai por nós, santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém”. As indulgências prometidas pelos pontífices em

(*) O *Terceiro Catecismo de Doutrina Cristã*, livrinho de uso geral no Brasil, assim define o rosário: “A devoção do Rosário, instituída por S. Domingos, consiste em rezar quinze vezes um Padre nosso e quinze vezes dez Ave-Marias, em honra dos passos da infância, paixão e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, das dores, das alegrias e glórias de Maria Santíssima”. “O Rosário se divide em três terços, e cada terço consta de cinco mistérios ou dezenas, isto é, *cinco vezes um Padre nosso e dez Ave-Marias*, que se rematam com *Gloria Patri*”. *Terceiro Catecismo – Perguntas 118 e 119, p. 207*. Do mesmo Catecismo transcrevi as orações citadas no texto, na forma em que as usam os católicos. – N. do Tradutor

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

recompensa às orações feitas a Maria, “a mãe de misericórdia”, abrangem indizível número de anos, se feitas diariamente. Do Manual de Orações, recomendado pelo Concílio Plenário de Baltimore, pode-se destacar esta petição: “Lembraí-vos ó amantíssima Virgem Maria, de que nunca se soube que alguém que se refugiasse em vossa proteção e buscasse vossa intercessão, fosse deixado no esquecimento. Minha mãe, a vós recorro. Fico diante de vós, pecador e triste. Ó mãe do Verbo, ouvi graciosamente e atendei minha oração”. Em algumas orações que figuram no Manual, apela-se para a falsa tradução de Gên.3:15, como no exemplo: “Recorramos à bendita Maria do Monte Carmelo, para que à hora da morte ela esmague a cabeça da serpente, vossa adversária”. As seguintes petições são fornecidas pelo Catecismo Plenário: para o levantar-se: “Jesus, Maria e José, dou-vos meu coração e minha alma”; ao vestir-se: “Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós; ao deitar-se: “Que a bendita Virgem Maria, S. José e todos os santos orem por nós a nosso Senhor”; ao acordar durante a noite: “Ó Jesus, ó Maria, fazei que eu morra antes do que ofender-vos por pensamento, palavra ou obra”. Em resposta a uma pergunta, diz o Catecismo: “Necessitamos das orações de Maria à hora da morte, porque naquele momento nossa salvação corre o maior risco e nossos inimigos espirituais estão mais ansiosos de vencer-nos”.

Se Maria encontrou um zelosíssimo devoto em Leão XIII, assim o foi em relação a José e ao pai de Maria, conhecido como Joaquim. Leão promoveu esses dois santos a padroeiros especiais da família e recomendou que José fosse invocado para usar de sua influência para com “seu filho adotivo e sua esposa”. Em 1889 – *Obras III:272-278* – ele associou sete anos de indulgência à seguinte oração: “Protegei-nos, fidelíssimo guardião da Sagrada Família, guardião eleito de Jesus Cristo. Afastai de nós, amantíssimo pai, todo erro e tristeza. Sede propício a nós, Potentíssimo protetor, em nossa luta com os poderes das trevas, defendei a santa igreja de Deus de ataques hostis e protegei-nos por vosso patrocínio sem fim, para que, guiados por vosso exemplo e ajudados por vossos cuidados, possamos viver piamente e piamente morrer e entrar na perpétua glória do céu”. Em 1883, Leão recomendou o escapulário de S. José, bordado com as palavras: “Padroeiro da igreja, orai por nós!”³ Uma extensa oração a Joaquim, prescrita pelo pontífice em 1890, coma promessa de trezentos dias de indulgência, se rezado uma vez por dia, traz, entre outras, a seguinte petição: “Ó grande patriarca, vinde em auxílio da igreja, orai pelo seu triunfo, desbaratai as forças das trevas, quebrai seu

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

orgulho e, acima de tudo, dai-nos filial devoção a vossa doce filha, nossa mãe santíssima, Maria”.

O sagrado coração de Jesus e o sagrado coração de Maria têm alcançado grande popularidade na igreja romana, como objetos de devoção, e tem provocado indulgências liberais para cobrirem penas eclesiásticas. Oculto do sagrado coração de Jesus se espalhou desde o século XVII, quando foi aventado por Margarida Maria Alacoque, 1647-1690, canonizada em 1920. Enquanto se achava engolfada em oração diante da hóstia – assim disse ela – Cristo lhe apareceu, abrindo o peito e mostrando-lhe o coração abrasado de amor à humanidade. Cristo a tratou como “amada discípula do sagrado coração” e ela mais tarde referiu que havia recebido muitas visitas do Salvador e fora por ele curada, por certo número de vezes, de enfermidades. Quando o túmulo dessa piedosa mas engenhosa mulher foi aberto, em 1830, duas curas instantâneas ocorreram, ao que se diz. A festa do Sagrado Coração foi elevada a grande importância por ato de Leão XIII, que também aprovou uma litania do Sagrado Coração, coma promessa de trezentos dias de indulgência aos que a recitarem, aplicáveis às almas do purgatório. Pio XI, anunciando, no último dia do ano de 1926, a festa do Reino de Cristo, consagrou-se a si mesmo, e a todos os bons cristãos, ao “Santíssimo Coração de Cristo”.

A devoção à sagrada cabeça de Jesus, como sede da Sabedoria, foi recentemente inculcada por Teresa Higginson, 1845-1905, a qual predisse que semelhante devoção seria “a principal medida na conversão da Inglaterra”. Acerca dessa mulher, de cuja sanidade mental Herbert Thurston teve dúvidas – *Month*, jan. de 1925 – conta-se ter ela vivido por vinte anos junto ao santo sacramento. Teve numerosas visões, recebeu de Cristo um anel de noivado e dele também recebeu a santa comunhão e seu próprio sangue precioso.

§ 6. O espírito do culto.- Por mais que os protestantes de hoje condenem, como o fizeram seus antepassados, certas feições do culto romano, eles se impressionam, entretanto, com a lealdade devocional dos católicos romanos e o recolhimento que eles demonstram nos serviços litúrgicos de sua igreja. Impressionam-se também com a adaptação daqueles serviços, de modo a produzirem conforto religioso. Estimariam ter em suas igrejas, em maior proeminência, esse elemento de culto e, para o chamado “enriquecimento do culto”, estão procurando combinar com o

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

elemento instrutivo, representado pelo sermão, mais larga cópia de elemento devocional. As considerações resultantes de um confronto entre o culto católico romano e o protestante, são as seguintes:

1. O protestante condena, considerando-os inteiramente destituídos de apoio escriturístico, a devoção tributada a Maria e aos santos e a veneração de relíquias e imagens, assim como o sacrifício da missa.⁴ Tal culto é de invenção humana. O título de “rainha do céu” fora dado a uma deusa pagã ao tempo de Jeremias, que se referiu àqueles que “queimavam incenso à *rainha do céu*, derramando oferendas líquidas perante ela e preparavam bolos em louvor dela”; mas o título não se adapta à “mãe de Jesus”. Algumas litânicas e catecismos ensinam que ela foi assunta ao céu e ali coroada. Um moderno comentarista romano diz que “abaixo do Pai Nosso, a Ave-Maria é a mais doce e mais poderosa oração. Ela proporciona a nossa mãe celestial grande prazer e tornará mais certa sua intercessão. Quanto mais frequentemente recitarmos a Ave-Maria, maior prazer daremos a nossa querida mãe”.⁵

2. Os protestantes acham que, em regra, a arquitetura das igrejas católicas romanas é bem adaptada ao propósito de desenvolver reverência às coisas sagradas. Quem poderia esquecer a impressão que as grandes catedrais têm causado! Nas igrejas romanas, o devoto se encontra rodeado de uma atmosfera de mistério, de que a sensação da divina presença se alimenta. Embora Deus não possa ser visto, sente-se, todavia, que dentro e acima da penumbra do recinto sagrado, ele está ouvindo as petições que lhe são feitas, tão atencioso para com a humilde condição daqueles que em silêncio recorrem a ele, como atento está aos negócios do universo. Por outro lado, os protestantes, por meio de suas igrejas, que nenhuma necessidade sentem da luz dos círios, têm cuidado de causar a impressão de que Deus pode ser visto por toda a parte e que ele se revela especialmente através das páginas do Livro. Os protestantes têm exaltado a *mensagem* e têm apelado para a consciência. Puseram de lado os mistérios nascidos em espaços crepuscularmente iluminados, em troca do conhecimento que precisa ser exposto, assim como o bom tesouro precisa ser tirado do lugar em que jaz escondido. Se o católico romano tira, por assim dizer os sapatos de seus pés e se encurva reverentemente à vista do altar, o protestante faz a mesma coisa quando se debruça sobre a Palavra de Deus.

3. O serviço romano une a igreja viva com as assembleias dos tempos medievais e antigos, através de seus hinos, orações e litânicas, e destarte promove fé

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

inteligente em seu artigo – “Creio na comunhão dos santos”, mas isso se limita às fórmulas litúrgicas daqueles períodos. Por outro lado, o serviço protestante estimula a liberdade de culto e admite orações e hinos da igreja moderna, tais como: *Quando me lembro da afrontosa cruz; Jesus amante da minha alma; Rocha dos séculos ferida por mim*. Ele amplia os limites até onde se estende “a comunhão dos santos” e inclui hinos cheios do espírito da devoção cristã, mesmo através de autores que não seriam capazes de repetir o Credo Niceno, como *Mais perto, meu Deus, de ti* e *Senhor de todo o Ser, ao longe exaltado*. O protestantismo está adotando, caso não os tenha já adotado, o Credo dos Apóstolos, o *te deum* e a litania. Concedendo liberdade, procura livrar-se do formalismo.

4. O culto romano engrandece o símbolo. Estátuas, vitrais e emblemas de altar, velas acesas e outros sinais atraem os olhos do fiel e apelam para sua imaginação religiosa. O protestante temeu no passado e ainda teme que o oculto corra o perigo de se deter no visível e de atribuir ao símbolo um poder vivo. Paulo não teve sequer uma palavra acerca de símbolos eclesiásticos e Estêvão bastante tinha a dizer, que constituiria advertência contra o abuso do símbolo. O protestantismo, em sua forma de puritanismo histórico, chegou ao ponto de proscrever o símbolo mais do que o protestantismo o faz hoje; mas o que o Puritanismo fez, foi feito no elevado intuito de assegurar que o culto de Deus não tivesse impedimento por parte de coisas materiais. Pela oração livre e pelos sermões, os Puritanos se revigoravam, como foram revigorados os Huguenotes, com heroísmo de ferro, para cumprirem as tarefas que foram chamados a cumprir. Não tinham necessidade de imagens. Sentiam a presença imediata do Altíssimo. Quando o cristianismo era uma força nova e conquistadora, Clemente de Alexandria escreveu: “Não temos nada com eles” – *Strom.*⁷

5. Os protestantes são livres para descobrirem elementos de devoção em todas as formas cristãs. O Direito Canônico – 1258 – proíbe que os católicos romanos se associem ativamente a serviços religiosos de não-católicos, embora “tolere sua presença passiva ou meramente corporal” em funções civis, casamentos e funerais, onde não haja perigo de serem pervertidos. O protestante pode prestar culto em toda a parte. A ele cabe decidir onde encontrar a Deus e honrá-lo. Se, pensando no serviço romano, ele louva sua beleza adaptada ao fim de corresponder à imaginação religiosa e estimulara devoção, também pensa de algumas de suas partes como coisas que pertencem aos “rudimentos desprezíveis” de que Paulo falou; deseja evitar formalismo e superstição e

percebe que nas terras caracteristicamente católicas o culto das igrejas tem mantido o povo na ignorância espiritual do que mais importa na religião espiritual. Seu ensino tradicional é o de que é privilégio da alma, em secreto em público, no lar ou na igreja, buscar um santuário e prestar culto, dizendo como Salmista: “A ti elevarei a minha voz”. O Protestantismo será infiel àquele ensino, senão der relevo à lei de Cristo, segundo a qual “o Pai procura para seus adoradores os que o façam em espírito e em verdade”. João 4:23.

Bibliografia e Notas

Cat. Romanos: *Missale rom.*, etc., a Pio X reformativa, 1921. – Cabot: *The Cath. Ch. Liturgy, Ritual and Missal*, com vs. ing., 1916. *Liturg. Prayer, its Hist. and Spirit*, 1922. Batiffol: *Hist. of the Rom. Brev.*, trad., 1912 – Schuter: *The Sacramentary*, trad. do italiano, 1924. – Sobre o rosário, Holzapfel. *St. Dominikus u d Rosenkranz.* – Sullivan: *Externals of the Cath. Ch.*, 1917. – Britt: *Hymns of the Breviary and Missal*, 1924. – Livros devocionais: - Millet: *Manual of prayers; Jesus Living in the Priest.* - Lepicier: *The Euchar. Priest.* – Lasance: *Ny prayer Bk.*, pp. 702, aprovado pelo card. Gasparri. *Manual of Prayers*, com aprovação do Concílio de Baltimore. Petovitz: *Devotion to the Sacred Heart.* – Prot.: *Book of Com. Prayer, - Book of Common Worship*, Presb., 1906. – Liturgias Moraviana, Luterana e outras. – Jacobs: *Hist. of the Luth. Liturgies*, 1896. - Fosdick: *Meaning of Prayer*, 1915; *Meaning of Faith*, 1921. – Otto: *Life of the Holy*, 1923. – Heller, ex. católico: *The Spirit of Worship*, 1927. Fendt, ex-cat.: *D Luth. Gottesdienst d 16ten Jahrh.*, 1923.

1. No Breviário revisto por Clemente, foram acrescentados nomes à lista de papas atribuídos aos três primeiros séculos pelas Decretais pseudo-Isidorianas. Na secção sobre Leão II, foi omitida a referência ao fato de ter ele condenado a Honório como herético. As palavras de Satanás a Cristo: “Dar-te-ei os reinos da terra” foram acrescentadas à comissão dada por Cristo a Pedro. Vide Dollinger, *Papstthum*, p. 223 e ss.

2. A fábula é a de haver Domingos recebido o rosário de Maria. Holzapfel diz que a primitiva Constituição da Ordem Dominicana, de 1228, não contém referência ao rosário, embora contenha prescrições sobre orações dirigidas a Maria. Nem foi o rosário associado ao nome de Domingos nos séculos XIII e XIV. A Oração do car. Newman para uma feliz morte, invocando o auxílio de Maria, diz: “Oh! Que meu

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Senhor e Salvador me sustente naquela hora, nos braços fortes de teus sacramentos. Que a doce Mãe Maria habite em mim, meus anjos falem de paz comigo e meus santos gloriosos me sejam propícios, para que neles e através de todos eles, eu receba o dom da perseverança”, etc. Ward: *Life of Newman*, 2:368.

3. Sobre orações a José, Vide Beringer, 143, 226, 231, 281, 328, etc. Pio VII, 1814, concedeu uma indulgência de 300 dias a cada repetição destas palavras: “Jesus, Maria, José, eu vos dou meu coração e minha alma. Jesus, Maria, José, assistime na última agonia”. Pio IX concedeu uma indulgência de 100 dias à oração diária a José, como padroeiro da piedade doméstica. Leão invocou a Joaquim e Maria para que intercedessem contra o partido dos comunistas e, em outra ocasião. Para que “defendessem a sé apostólica contra as seitas hostis e promovessem real lealdade ao pontífice romano”. Por uma litania em honra de José, repetia uma vez por dia, Pio X concedeu, em 1909, 300 dias de indulgência.

4. Os Puritanos obtiveram temporário triunfo contra as imagens das igrejas, em 1641, quando o parlamento ordenou que “todos os crucifixos, pinturas escandalosas de uma ou mais pessoas da Trindade e todas as imagens da Virgem Maria fossem retirados e abolidos, e todas as velas, castiçais e galhetas fossem removidos da mesa de comunhão”. O Manual de Culto de Westminster ordenou o culto doméstico em cada família em que haja alguém que possa ler as santas Escrituras.

5. Faerb, p.430. Sobre os extremos a que podem ir os escritores romanos em sua adulação a Maria, Vide Lepicier, que diz: “devemos a nossa Bendita Senhora a instituição do bendito sacramento”; e mais: é “uma bela cena presenciar em Lourdes a santa rivalidade entre a Mãe e o Filho, diminuindo-se cada um para que o outro seja exaltado.